

Celso Cunha

Língua portuguesa:
política e cultura do idioma

Organização, introdução e notas de Cilene da Cunha Pereira

Prefácio de Domício Proença Filho



{ *glaciar* }

ÍNDICE

<i>O pioneirismo e a visão prospectiva de Celso Cunha</i>	11
Prefácio de Domício Proença Filho	
<i>Introdução</i>	29
Cilene da Cunha Pereira	
<i>Cronologia da vida e da obra de Celso Cunha</i>	37
1 Uma política do idioma	53
2 Língua portuguesa e realidade brasileira	87
3 Linguagem e condição social no Brasil	159
4 Política e cultura do idioma	185
5 A situação sociolinguística de Cabo Verde e Guiné-Bissau Português e crioulo frente a frente	207
6 O protocrioulo português e sua universalidade nos séculos XVI, XVII e XVIII	225
7 Será o crioulo de Cabo Verde um <i>continuum</i> ?	253
8 A questão da norma culta brasileira	263
9 Conservação e inovação no português do Brasil	293
10 Que é um brasileirismo?	317

O PIONEIRISMO E A VISÃO PROSPECTIVA DE CELSO CUNHA

Domício Proença Filho

Mestre de gerações, Celso Cunha congregou, na sua multifacetária atuação, os altíssimos méritos do filólogo, do linguista, do medievalista, do gramático, do professor, com presença aquém e além-fronteiras.

Entre outros inúmeros atributos, foi o filólogo-ponte entre o Brasil e Portugal, sem descurar dos espaços da língua portuguesa na realidade africana. Abriu espaços. Iluminou veredas. No âmbito dos aspectos sincrônicos, nas dimensões diacrônicas. Com rara visão prospectiva. E no curso dessa iluminação, agregou discípulos, mobilizou continuadores.

Sua presença emerge num momento de plenitude da filologia românica. Ele contribuiu em grande para o seu desenvolvimento no Brasil. Num diálogo profícuo e por vezes em parceria com os especialistas seus contemporâneos. Entre eles, Luís Filipe Lindley Cintra, Rodrigues Lapa, Eugênio Ascenso, Manuel Alvar, I. S. Revah, Paul Teyssier, Luciana Stegagno Picchio e os brasileiros Antônio Houaiss, Wilton Cardoso, Heron de Alencar, Serafim da Silva Neto.

Nele, o rigor do erudito alia-se à visão aberta para a realidade cultural brasileira. O filólogo permanece sempre atento à estreita relação entre a língua e a cultura.

Como se depreenderá da leitura dos textos, na sua navegação nas águas do idioma une passado, presente e futuro.

Em ensaios seminiais, alia o mergulho fundo nos espaços da história do idioma e de sua estrutura gramatical à indicação de conclusões fundamentadas na objetividade da pesquisa.

É o estudioso da lírica trovadoresca, a quem se devem as edições críticas modelares dos cancioneiros de Joan Zorro, Martin Codax, Pay Gómez Charinho, esta último sua tese de concurso para a Cátedra de Língua Portuguesa da Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil. Ali disseminou conhecimento, formou discípulos. Entre eles, o autor deste prefácio.

Sua preocupação com a língua em processo levou-o a publicar gramáticas direcionadoras. Nesse espaço, insere-se entre os pioneiros autores que privilegiam o estudo do idioma a partir do texto. E mais: aliando às obras literárias textos não literários, a rigor, paraliterários. Paralelamente, reorienta os rumos da pedagogia do idioma no Brasil com seus livros didáticos de adoção nacional.

A mesma preocupação aprofunda suas reflexões nos ensaios que constituem a presente coletânea e que se complementam.

Em todos, traço comum e elo de ligação, o objeto nuclear de sua atividade intelectual: a língua portuguesa, em especial a norma paritária brasileira. Antônio Houaiss, seu companheiro de geração e amigo, sintetiza, com precisão, essa marca dominante, como se lê no Catálogo da exposição realizada na Biblioteca Nacional em 1999, intitulado *Celso Cunha, dez anos de saudade...*, organizado por Paulo Pereira:

A obra de Celso Cunha é fiel a essas origens, e, se desenvolvida ao sabor de suas mais íntimas preferências intelectuais, como o foi, revela inequivocamente duas coisas – a língua portuguesa como centro e a expansão do conhecimento dela com ambições holísticas. De fato, explícita ou implicitamente, tudo o que escreveu é sobre ela, em torno dela ou pensado em função dela; em tudo que escreveu buscou construir uma totalidade que viesse das origens até o futuro; isso explica o medievalista precoce e obstinaz, isso explica suas projeções prospectivas sobre nossa língua.

Evidencia-se ainda outra característica: o diálogo intertextual. Definido o tema, ele parte de posicionamentos configurados em bibliografia especializada quase totalizante. Procede a uma rigorosa análise dos textos que a integram. Identifica convergências, explicita divergências. Minuciosamente. Com a fundamentação segura de quem domina o assunto. Mas com um traço indiciador de sua visão prospectiva: a consciência da necessidade da pesquisa da realidade do uso da língua. A ponto de ser um dos primeiros propugnadores da necessidade da elaboração de atlas linguísticos do português brasileiro. A tônica é o rigor. Para além do juízo meramente impressionista. Nesse sentido, é ainda uma vez Mestre.

Ressalte-se que era um tempo em que os estudos da área, ainda que com base nos textos, apoiavam-se na sensibilidade e nos juízos críticos dos estudiosos, fundados na formação e na intuição de cada um.

E ele assiste à emergência forte dos estudos linguísticos dos anos de 1970. De certa forma, na concretização de suas indicações na direção do conhecimento objetivo do idioma. Passa a valer-se deles. O filólogo associa-se ao linguista.

Nos ensaios que constituem a presente coletânea, ressaltam, à luz dessa dupla condição, aspectos relevantes e interligados. O autor parte da relação entre a língua e a realidade brasileira, vale dizer, a cultura brasileira. Trata da vinculação entre língua e nação. Defende, nesse âmbito, a necessidade da adoção de uma política do idioma, ou, mais rigorosamente, de políticas do idioma. Associada a esse aspecto, reflete sobre a questão da norma culta brasileira. Posiciona-se, em decorrência, sobre conservação e inovação na língua e discorre sobre a complexidade do conceito de brasileiro.

Perpasso, numa síntese crítica, a título de mobilização para a leitura, as estações desse percurso.

As reflexões contidas em *Uma política do idioma*, publicado em 1964, são antecedidas de cinco epígrafes direcionadoras. Cito duas, por altamente explicitadoras de posições assumidas.

A primeira, tomada ao pensador espanhol Miguel de Unamuno é duplamente reveladora. Confirma, no âmbito pessoal, a constatação de Antônio Houaiss antes citada: